

Adilson de Souza Moreira e Gilberto Sarkis Yunes

Adriana Vieira

Alessandra Buriol Farinha e Alice Leoti

Carla Valéria Pinto da Silva

Carlos Henriques Ferreira

Cecilia Ribeiro

Conceição Trigueiros

José Manuel Fernandes

Juliana Angelo Gomes e Mayara Maia

Manuel Teixeira

Maria Cecília Filgueiras Lima Gabriele

Maria de Fátima Bento Ribeiro e Alan Dutra de Melo

Maria Dulce Loução

Morgana Maria Pitta Duarte Cavalcante e Maria Isabel Villac

Paula Peret A. de Oliveira e Mauro Cesar de Oliveira Santos

Paulo de Assunção

Paulo Tormenta Pinto

Pedro Marques de Abreu e Joana Bastos Malheiro

Renata de Souza Nogueira

Rui Barreiros Duarte

Teresa Fonseca

Thereza Carvalho Santos e Marcelo Lyra de Souza Brasil

espaços culturais e turísticos em países lusófonos
cultura e turismo

espaços culturais e turísticos
em países lusófonos
cultura e turismo

Coleção
PROARQ

Luiz Manoel Gazzaneo
organizador

ISBN 978-85-88341-38-8



9 788588 341388 >



do.co.mo.mo
brasiljo



© Copyright dos autores

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Reitor Carlos Antônio Levi
Vice-reitoria Antônio José Ledo Alves da Cunha
Pró-reitores Angela Rocha dos Santos • Graduação
Débora Foguel • Pós-graduação e Pesquisa
Carlos Rangel Rodrigues • Planejamento
Roberto Antônio Gambine Moreira • Pessoal
Pablo Cesar Benetti • Extensão
Araceli Cristina de Sousa Ferreira • Gestão e Governança

CENTRO DE LETRAS E ARTES

Decana Flora de Paoli Faria

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

Diretora Denise Barcellos Pinheiro Machado
Vice-diretora Maria Júlia Santos de Oliveira

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA - PROARQ

Coordenadora Vera Regina Tângari
Vice-coordenador Paulo A. Rheingantz
Adjuntos Rosina Trevisan Ribeiro • Ensino
Cristiane Rose Duarte • Editoria
Guilherme Lassance • Extensão
Mônica S. Salgado • Pesquisa

CONSELHO EDITORIAL

Cristiane Rose Duarte • Coordenadora
Guilherme Lassance
Mônica S. Salgado
Paulo A. Rheingantz
Rosina Trevisan Ribeiro
Vera Regina Tangari

COLABORADORES

Ceça Guimaraens • Ana Albano Amora • Alvaro A. C. Costa
Giovana Cruz Alves • Maria das Graças Ferreira • Maurício
Marinho de Castilho • Mayara Corrêa

DIAGRAMAÇÃO | Cecília da Fonte • Marina Ramires
CAPA | Hilton Esteves de Berredo

Espaços culturais e turísticos em países lusófonos

Cultura e Turismo

Organizador

Luiz Manoel Gazzaneo

E77cu	Espaços culturais e turísticos em países lusófonos: Cultura e Turismo Luiz Manoel Gazzaneo, organizador. - Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2011. 373p.: il., 21 cm. (Coleção PROARQ) ISBN: 978-85-88341-38-8 1. Urbanismo. 2. Arquitetura. 3. Turismo. 4. Cidades. 5. Patrimônio cultural. 6. Cultura. I. Gazzaneo, Luiz Manoel. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. CDD 711
--------------	---

Coleção - PROARQ
UFRJ - FAU
Rio de Janeiro
2011

quétipo universal. É a simulação da vida que se transforma em simulacro, como diz Baudrillard.

Sobre o Autor

Maria Dulce Loução

Professora Doutora Arquitecta da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

Email: dulce.loucao@gmail.com

NOTA

Native Tourisms

Architecture, Project and memory

Viagem e cultura espacial lusófona

Teresa Fonseca

ABSTRACT

This work aims to approach the subject of cultural and touristic spaces of Portuguese language countries through a series of quests around each one of the concepts underlying the enunciated subject to which a diversity of sources offer some kind of answer. No efforts of synthesis were previously implied, the form of a draft was, instead, intentionally chosen by the author, as a denial of any other sort of theoretical ambition except the self recognition of fragility before a few master's domain of the art of travel through the world and humanity.

Keywords: Spatial culture, Portuguese architecture, the art of travel, Geography.

DE CULTURA

O título *Cultura arquitectónica portuguesa no mundo*, de Fernando Távora (1997), que merecerá ampla citação neste trabalho, fixou a minha atenção quando redigia as notas finais a partir de múltiplas ideias recolhidas durante a pesquisa para o encontro sobre *Espaços culturais e turísticos em países lusófonos*.¹

VOCABULÁRIO

Passarei, em breve registo, os resultados da revisão de literatura e busca de dados para a minha intervenção, no intuito de mostrar quão pouco claros são os caminhos da arquitetura, da vida académica e da contribuição social de ambas.

Viagem e cultura espacial lusófona

Teresa FONSECA

Faculdade de Arquitectura /CEAU, Universidade do Porto

tfonseca@arq.up.pt

Arquitecta pela Escola Superior de Belas Artes do Porto (1980) Doutora em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (1997), professora associada da FAUP, Investigadora do (CEAU) responsável pelos projetos: “O Espaço Público como categoria arquitectónica”, “Arquitectura em contextos de pobreza”, “Laboratório de Projectos Arquitectónicos da Universidade do Porto, LAP.UP”

Abstract:

This work aims to approach the subject of cultural and touristic spaces of Portuguese language countries through a series of quests around each one of the concepts underlying the enunciated subject to which a diversity of sources offer some kind of answer. No efforts of synthesis were previously implied, the form of a draft was, instead, intentionally chosen by the author, as a denial of any other sort of theoretical ambition except the self recognition of fragility before a few master's domain of the art of travel through the world and humanity.

Keywords: Spatial culture, Portuguese architecture, the art of travel, Geography.

0. De Cultura

O título *Cultura arquitectónica portuguesa no mundo*, de Fernando Távora (1997), que merecerá ampla citação neste trabalho, fixou a minha atenção quando redigia as notas finais a partir de múltiplas ideias recolhidas durante a pesquisa para o encontro sobre *Espaços culturais e turísticos em países lusófonos*.¹

1. Vocabulário

Passarei, em breve registo, os resultados da revisão de literatura e busca de dados para a minha intervenção, no intuito de mostrar quão pouco claros são os caminhos da arquitetura, da vida académica e da contribuição social de ambas.

Das notas, a primeira série regista uma preocupação com o vocabulário. Interroguei-me sobre turismo mas resultou “*turista*”, como “*peessoa que viaja de um lugar para outro sem ser por razões de trabalho. Segundo a definição das NU, um turista é alguém que permanece por mais do que uma noite e menos de um ano. Viagens de negócios e congressos estão incluídas. Este modo de pensar está dominado pelos conceitos de mercado. Militares, diplomatas, imigrantes, e estudantes residentes não são turistas.*”²

A entrada seguinte do mesmo glossário consultado para “*turista*” e que se desenvolve pelas quase 1344 páginas do “*massive book (...) a novel about architecture. Conceived by Rem*

Koolhaas (...) and Bruce Mau”, é a palavra “tragédia”. Vem explicada por Wim Wenders: “Não creio que se consiga jamais fazer uma administração municipal entender que, do ponto de vista urbanístico, as partes mais atractivas de uma cidade são precisamente as áreas em que ninguém fez nunca, nada. Por definição, qualquer cidade *quer* fazer qualquer coisa nessas áreas. Isso é a tragédia.”³

Deste último autor, recolhi ainda uma última contribuição para o meu trabalho, foi a palavra “Efémero”. Passo a citar livremente: “Esta área atraiu-me como um sonho de um lugar na cidade e pensei que em breve deixaria de ser assim. Por isso filmámos ali. Em todos os meus filmes, o meu critério de escolha dos lugares tem sido quanto mais tempo serão capazes de existir como foram, inalterados.”⁴

3. Viagem

Não só no domínio da arquitectura se faz a nossa cultura, nem na especialidade se esgota a leitura quotidiana. Através de *Sartre e Beauvoir, A história de uma vida em comum*, apercebi-me de que viagens, estadias curtas e irrepitíveis, outras longas e anualmente repetidas (em Roma), foram tão formidáveis exercícios de observação, leitura e apropriação dos espaços, que se traduziram em escrita, em trabalho, como estes dois grandes personagens costumavam dizer.⁵ Cidades, aldeias, em tempo de paz e em tempo de guerra, hotéis, casas, ruas, praças, enquadraram tudo quanto escreveram. O exercício descritivo, que actualmente tende a ser menosprezado a favor da crítica audaz e da originalidade interpretativa, precisa tempo e paciência, submissão do autor ao facto, educação do olhar e da respiração, justa redacção, exactidão das palavras.

Le Corbusier ensinou os arquitetos a viajar. Seria ou não turista, segundo a definição das NU? Viajante incansável, anotou, desenhou e pensou o espaço. Transportou nos seus cadernos, exemplos de soluções extraordinárias encontradas de oriente a ocidente. Registou descobertas do mundo e das cidades vistas do chão e de aviões. Estudou barcos e conchas. Desenhou flores. Construiu o pequeno, o grande e o muito grande. Criou uma fita métrica bicolor. Comprei uma cópia dessa fita, numa caixa metálica, há alguns anos, na casa La Roche, em Paris, para me lembrar que a

arquitectura se faz com a medida, do palmo, do pé ou da fita métrica, porque só ela disciplina as emoções e os sentimentos do arquitecto tornando-as pensamento lógico, matemático, harmónico.

4. Turismo

A participação num trabalho de pesquisa no Curso de Mestrado Integrado em Arquitectura (2010-2011), sobre uma pousada recentemente construída (2006-2009) por ampliação de um palácio barroco portuense (1744?), recuperado por Fernando Távora (1995-2003), ofereceu-me informação abundante sobre as formas espaciais de conceitos tais como património, cultura, mercado, urbanismo, arquitectura e, naturalmente, turismo.⁶ Alertou-me para a grande mudança de escala ao nível dos agentes da organização do espaço, já não mais identificáveis por nomes de um *dono da obra*⁷ ou arquiteto nem lugares concretos, mas por siglas, redes, programas, normativas e utentes, agora *globais*.

5. Inquietação

Convidada a leccionar um curso internacional de projecto e proferir conferência numa cidade antiga, italiana, que me era totalmente desconhecida, *para reflexão sobre as mudanças da arquitetura na cidade e no território que tenha em conta a herança da tradição, a ação contemporânea e a abertura de novas propostas na perspectiva da sustentabilidade*⁸, produzi um discreto manifesto, mais ditado pela inquietação teórica suscitada pela chamada do Brasil do que pela curiosidade dos cenários europeus. Os temas amplos assustam-me, só conheço algumas coisas.

“Já vi e já vivi em velhos castelos em ruínas.

Vejo as maravilhosas e problemáticas cidades do meu tempo, em que não há ontem nem futuros porque todos os minutos e segundos do meu dia estão cheios de aventura e mal tenho tempo para dormir, muito menos para querer sonhar.

O presente é fascinante. A contemporaneidade oferece-nos pela primeira vez na história da humanidade, a possibilidade de eliminarmos a ideia da vida adiada, o longo prazo e a única obrigação de comunicarmos no mundo o que somos e como estamos. Pensamentos, imagens, sentimentos, sensações, alegrias,

descobertas, algumas dores. O mundo, reciprocamente, dá-nos respostas, propostas, consolações. A solidariedade é o maior ganho da globalização. O planeta Terra, finalmente, tem a sua verdadeira medida e ela é fisicamente pequena.

Imaginei um novo mundo, sem turistas.

Não é mais preciso viajar com bilhetes de ida e volta, só de ida. Quem viaja, parte para um lugar onde quer ficar, porque já conhece exactamente qual é a paisagem, o clima, a história antiga, moderna ou mesmo a não existência de quaisquer vestígios da presença humana nesse sítio que escolheu exactamente por todas as informações que o levaram a partir. Nalguns casos, será o mar ou um rio em movimento perene, noutros uma montanha protectora, verde ou rochosa, ou ainda uma planície sem fim meio deserta meio verde com e sem animais selvagens. Nalguns casos serão rostos, roupas, sons musicais ou línguas, cores de frutos ou tintas que formam um quadro a que queremos pertencer. Em nenhum caso achamos que a nossa escolha determine absolutamente as vidas dos nossos descendentes porque a eles será dado viverem onde quiserem. A história de castelos e fábricas estará sempre acessível em livros e nas redes de comunicação que formos inventando. Cereais, frutas, legumes, peixes, aves, enfim, todos os animais e plantas de que nos lembrarmos serão imagens para uns e reais para outros, tal como os alimentos artificiais serão reais e satisfatórios para os que os preferem em vez dos naturais. A cultura, urbana ou outra, finalmente, será livremente escolhida e equitativamente produtiva.

Deixará de haver sítios históricos. Toda a história será contada pelas formas de vida que as sociedades, comunidades e indivíduos precisarem no seu tempo, com os recursos que em cada sítio forem aproveitáveis e com os novos materiais e formas que inventarem.

Deixará de haver organismos regionais, nacionais e internacionais com funções de protecção ou de salvaguarda seja do que for, excepto os de comunicação e circulação planetária de pessoas que assegurarão a livre fixação de pessoas em todos os lugares da terra. Os bens materiais deixarão de circular, porque deixará de ser preciso. Cada cultura gerará os seus próprios e específicos recursos.

A intempérie e a vegetação cicatrizarão lugares em tempos humanizados num processo natural de regeneração da Terra, equilibrando a concentração demográfica nas cidades.

A sustentabilidade começa quando cada um usa o seu único património pessoal, o seu corpo e o seu espírito, para medir e calcular o espaço de que precisa para respirar. Somos convidados a medir o espaço de um lugar com muito tempo e trabalho humano. Cada cidade é, antes da sua história humana, um lugar geográfico. Precisamos redescobrir, formas arquitectónicas ou simplesmente organizações espaciais em edifícios e espaços públicos que foram directamente determinados pela geografia física, e representá-los segundo os instrumentos do projecto, tornando-os temas de arquitectura contemporânea.⁹

6. Leitura, Fernando Távora

“Com uma extensa costa marítima, onde a foz dos rios facilita a criação dos portos naturais além do acesso a terra por penetração nos cursos de água, o clima português é temperado na faixa costeira e torna-se mais áspero no interior, frio no norte e quente a sul. A luminosidade é intensa em todo o país, quer pela presença das áreas marítimas e fluviais, quer pelo clima predominantemente ensolarado. Os relevos que condicionam as linhas de água, atingem um máximo de 2000 metros de altitude, crescendo da costa até ao interior e decrescendo do norte para o sul. A composição do solo mostra a presença do granito a norte, xisto no interior, calcário no centro, argila, mármore e pouco granito a sul; pode, assim, constatar-se uma grande diferença entre as terras graníticas do Minho, a Norte, húmidas, verdes e com discretos relevos, e as terras onduladas do Alentejo, quentes e secas, de um verde castigado a perder de vista, que rapidamente se aproxima do Algarve, quase mediterrânico; variações muito sensíveis ocorrem na extensão muito limitada do país.

Pode, contudo, afirmar-se, relendo vários autores, que a paisagem natural portuguesa é, de modo geral, luminosa e tranquila, “mais poética que plástica”, dotada de “graça, doçura e de uma certa ingenuidade de perene adolescência”, inspira “mais sentimentos do que ideias”, possui “natureza na variedade”.

A longa história deste território que conheceu assentamentos humanos no Paleolítico e no Neolítico, assumindo a cultura megalítica, do norte ao sul, uma certa importância. Um tipo de assentamento chamado castrejo (de *castrum*) constituído por núcleos de casas circulares de granito, cobertas com cúpula, dispostas geralmente em lugares altos, desenvolve-se na era do bronze, ultrapassado depois pelo ferro introduzido pelos Celtas provenientes da Europa Central.

No ano 219 a.C. o primeiro barco das tropas romanas na península cria uma nova e importante situação no território com influências fortes e definitivas. (...)

Consolidada a política de independência e definição dos limites territoriais, põe-se a Portugal o problema de escolha do seu próprio destino: situado no extremo ocidental da Europa, país de pequenas dimensões e de solo pobre, isolado entre a Espanha e o Atlântico, querendo reconhecer e defender a sua identidade nos confrontos do país vizinho, possuidor de uma prática marinheira que vinha de longe – dos contactos com outros navegadores visitantes, da navegação costeira e ao longo dos rios, verdadeiras estradas de comunicação com o interior - Portugal opta pelo mar desconhecido, secreto e tentador.

E parte.

(...) o Português é migrante; desde a origem da população, em que se misturam, em sequência de várias invasões, cristãos, muçulmanos e hebreus, até à relação com o próprio país, do qual parte para melhorar as suas condições e ao qual retorna mortificado por não ter obtido nada ou então satisfeito por ter alcançado uma vitória noutras paragens.

Não foi fácil a vida dos portugueses: penúria no seu país, busca de maior felicidade por um mundo que a expansão lhe ofereceu, luta permanente com climas, etnias e culturas diferentes e, em arquitectura, necessidade de criar soluções menos académicas e mais híbridas, rápidas, flexíveis, adaptadas. Além de dever viver sempre acompanhado do sentimento de saudade; a recordação de alguém, de qualquer coisa, de qualquer lugar que abandonou ou então, a recordação de alguém, de alguma coisa ou de algum lugar que nem sequer chegou a conhecer o que se calhar nem sabe se existe ou se chegou a existir, porque foi só imaginado...

Diz-se que além de ser sentimental e nostálgico, o português é improvisador mais do que planeador e sistemático, embora tenaz. E compreende-se que assim deve ser, pois a variedade de situações que se lhe apresentaram para construir edifícios ou cidades levou sempre a soluções diversificadas, como na construção de obra militar em que o operário é também soldado – caso reportado por João de Castilho numa carta de Mazagão – ou como na Igreja do Bom Jesus em Goa, onde repousa Francisco Xavier, construída segundo projecto elaborado no continente faltando a informação de detalhe, a capacidade da mão de obra e os materiais justos para a desejada perfeição da obra.

Soluções diversificadas até na construção das cidades, em África, na Índia, no Brasil ou na China, procurando os lugares, definindo as estruturas.(...) Cidades belíssimas de tal modo diversas, de tal modo idênticas, de tal modo portuguesas, de tal modo locais, escapadas, quase todas, à malha ortogonal espanhola de Filipe II.(...) *Fernando Távora, Porto 1997*¹⁰

7. Imaginação

*Todas as cidades são a minha cidade, à qual sempre regresso. Tudo é então diferente, pois conheço que é diferente. Os olhos abrem-se à minha cidade, sou de novo um estranho maravilhado, capaz de ver, de fazer. Dezembro de 1995, Alvaro Siza*¹¹

8. Gratidão

Porque dos encontros científicos e académicos promovidos pelas UFRJ – PROARQ – FAU e AEAULP, muitos detalhes preciosos carecem de registo, neste último capítulo e em modo de conclusão, em vez de um fim inscrevo uma abertura. Grata pela leitura recomendada no Rio de Janeiro de 2010, pelo professor Carpintero da Universidade de Brasília, é Euclides da Cunha que me empresta o seu desenho de um espaço. Será cultural? Será turístico? Real, é certamente.

O planalto central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras marítimas,

*distendidas do Rio Grande e Minas. Mas ao derivar para as terras setentrionais diminui gradualmente de altitude, ao mesmo tempo que descamba, para a costa oriental em andares, ou repetidos socalcos, que o despem da primitiva grandeza afastando-o consideravelmente para o interior. De sorte que quem o contorna, seguindo para o norte, observa notáveis mudanças de relevo: a princípio o traço contínuo e dominante das montanhas ...*¹²

*Escrito nos raros intervalos de folga de uma carreira fatigante, este livro, que a princípio se resumia à história da Campanha de Canudos, perdeu toda a atualidade (...) dDemos-lhe, por isso, outra feição, tornando apenas variante de assunto geral o tema, a princípio dominante (...) Intentamos esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil. E fazemo-lo porque a sua instabilidade de complexos fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tornam talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra.*¹³

Teresa Fonseca,

Porto, Setembro de 2011

¹ TÁVORA, Fernando, "Cultura arquitectónica portuguesa no mundo" [Porto 1997] *Casabella* 700, ano LXVI, maio 2002, pp. 6-7

² Robert W. McIntosh and Charles R. Goeldner, "Glossary", *Tourism: Principles, Practices, Philosophies*, 5th ed. (New York: John Wiley and Sons, 1986) in. O.M.A. Rem Koolhaas (Jennifer Sigler, "Dictionary") *Small, Medium, Large, Extra-Large*, The Monacelly Press, New York, 1998 [1^aed. 1995], pp. 1258, 1298. Tradução própria

³ Wim Wenders, interview by Hans Kollhof, *Quaderns* 177 (Abril -Junho 1988), in O.M.A. Rem Koolhaas, op. cit. pp. 1258, 1298. Tradução própria

⁴ Wim Wenders, idem, in O.M.A, Rem Koolhaas, op. cit, pp. 320, 1288 Tradução própria

⁵ ROWLEY, Hazel, *Sartre e Beauvoir, A história de uma vida em comum*. ASA editores, Porto 2007

⁶ COSTA, Ana Margarida S., *Pousada do Palácio do Freixo*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, FAUP 2010-2011, ed. de autor Setembro 2011, aguarda discussão.

⁷ FONSECA, Teresa. *A Construção do Pólo 3 da Universidade do Porto. Planos, Projectos, Edifícios*. FAUP ed. de autor. 1996. <http://hdl.handle.net/10216/10629>, Publicado por Universidade do Porto. Reitoria, 2009-05-16T02:07:56Z

⁸ IX SEMINARIO INTERNAZIONALE DI PROGETTAZIONE ARCHITETTONICA, MICRO/MACRO, *Architetture per il territorio ed il centro storico. Dal Progetto utopico al progetto reale*. Facoltà di Architettura della Sapienza di Roma, FAUTL – Lisboa. Narni, Julho 2011

⁹ Adaptado de FONSECA, Teresa. Measuring time in space – body, dream and the hands of the architect. Workshop em IX SEMINARIO INTERNAZIONALE (...) Narni, Julho 2011

¹⁰ TÁVORA Fernando, , op. cit. Tradução livre do italiano

¹¹ SIZA Alvaro, CASTANHEIRA, C. *As cidades de Alvaro Siza*.

Figueirinhas, Lisboa, Porto, 2001. capa.

¹² CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Editora Record, Rio de Janeiro, 2010

[1ª ed. 1901?] p.11

¹³ Idem, Ib. p. 9 (*Nota Preliminar, São Paulo, 1901*)

- es, *Philosophies*, 5th ed. (New York: John Wiley and Sons, 1986) in. O.M.A. Rem Koolhaas (Jennifer Sigler, "Dictionary") *Small, Medium, Large, Extra-Large*, The Monacelly Press, New York, 1998 [1^aed. 1995], pp. 1258, 1298. Tradução própria
3. Wim Wenders, interview by Hans Kollhof, *Quaders* 177 (Abril -Junho 1988), in O.M.A. Rem Koolhaas, op. cit. pp. 1258, 1298. Tradução própria
4. Wim Wenders, idem, in O.M.A. Rem Koolhaas, op. cit. pp. 320, 1288 Tradução própria
5. ROWLEY, Hazel, *Sartre e Beauvoir, A hoistória de uma vida em comum*. ASA editores, Porto 2007
6. COSTA, Ana Margarida S., *Pousada do Palácio do Freixo*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, FAUP 2010-2011, ed. de autor Setembro 2011, aguarda discussão.
7. FONSECA, Teresa. *A Construção do Pólo 3 da Universidade do Porto. Planos, Projectos, Edifícios*. FAUP ed. de autor. 1996. <http://hdl.handle.net/10216/10629>, Publicado por Universidade do Porto. Reitoria, 2009-05-16T02:07:56Z
8. IX SEMINARIO INTERNAZIONALE DI PROGETTAZIONE ARCHITETTONICA, MICRO/MACRO, *Architetture per il territorio ed il centro storico. Dal Progetto utopico al progetto reale*. Facoltà di Architettura della Sapienza di Roma, FAUTL - Lisboa. Narni, Julho 2011
9. Adaptado de FONSECA, Teresa. Measuring time in space - body, dream and the hands of the architect. Workshop em IX SEMINARIO INTERNAZIONALE (...) Narni, Julho 2011
10. TÁVORA Fernando, , op. cit. Tradução livre do italiano
1. SIZA Alvaro, CASTANHEIRA, C. *As cidades de Alvaro Siza*. Figueirinhas, Lisboa, Porto, 2001. capa.
12. CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Editora Record, Rio de Janeiro, 2010 [1^a ed. 1901?] p.11
13. Idem, lb. p. 9 (*Nota Preliminar, São Paulo, 1901*)

(An)Estética do Turismo: ou a mediatização do Património

Pedro Marques de Abreu
Joana Bastos Malheiro

ABSTRACT

Tourism will be the largest industry in the global economy of this millennium (according to the respective World Organization). Over the past 60 years tourism has had a gradual expansion to reach one of the largest and fastest economic growth rates in the world. It became one of the most significant phenomena of modern post-industrial societies. Its impact upon the city's architecture is clamorous. It is important to critically evaluate it, considering its implications globally. A comprehensive appreciation of the relationship between tourism and architecture, especially in the anthropological aspect, is the purpose of this article.

To do this, first we will examine synthetically tourism's evolution, from centuries past to the present day; and then we will analyse critically this evolution, underlining the anthropological deficit that certain forms of cultural tourism can bring. In the second part we will provide an interpretive key, following Hannah Arendt's thought, on cultural tourism within the consumer society.

Palavras-chave: Turismo, Monumento, Memória, Consumo, Hiper-modernidade.

[...] Para que os turistas se sintam satisfeitos, não basta simplesmente que se sintam satisfeitos. É preciso marcar suas almas com experiências inesquecíveis, isto é, com produtos e serviços que, de alguma forma, alterem suas vidas, e permaneçam eternamente em suas memórias como sementes de inspiração. (MTur, 2010)